

O monte

Por Clepsidra

O meu avô viveu toda a vida no campo, num monte alentejano. Sempre no mesmo sítio.

Um monte sem luz elétrica, sem água canalizada, sem nada. Só quatro paredes de terra caiadas de branco e uma chaminé, por onde saía fumo, nas noites de família passadas à lareira.

Ele nasceu naquele monte, cresceu naquele monte, casou naquele monte. Só não morreu naquele monte porque, no século XXI, quando as pessoas estão doentes obrigam-nas a ir para o hospital.

Foi também desse monte que viu os filhos partir para Lisboa. Para estudarem. Para terem empregos e não somente trabalho.

Eles assim fizeram. Tornaram-se “moços da cidade”. Com apartamentos em prédios lotados do rés-do-chão ao 10.º andar. Com carros modernos, em vez de carroças ou, vá lá, motorizadas. Uma vida muito diferente da vida do trabalho no campo, do nascer ao pôr-do-sol.

Nunca o ouvi dizê-lo, mas acho que ele tinha orgulho nisso. Nessa vida que os filhos levavam lá para Lisboa.

Mas ter orgulho não é o mesmo que compreender, nem, muito menos, o mesmo que querer chegar próximo dessa vida.

O meu avô nunca queria sair do monte. Nunca.

“Ah, então e depois quem é que dá comida às galinhas e aos porcos?”, “Ah, então e depois quem é que rega a horta?”, perguntava, sempre que alguém sugeria uma visita à capital.

O meu avô só veio a Lisboa por duas ocasiões: quando as netas nasceram e quando ficou doente. O engraçado é que, sempre que veio, continuava a agir exatamente como se estivesse no monte.

Admirava-se de as pessoas passarem umas pelas outras e não se cumprimentarem. Dizia “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite” a toda a gente, a todos os desconhecidos, mesmo que passasse por 50 pessoas numa só rua.

Já tinha dificuldades em mover-se, mas recusava-se a andar de elevador, essa tecnologia assustadora. Ia sempre pelas escadas, para ter os pés bem assentes em terra firme (janelas altas e varandas também não eram com ele).

Havia lâmpadas e candeeiros, mas, sempre que precisava de acender a luz, ligava o “fox” (era esse o nome que os meus avós davam à lanterna, mas cuja origem etimológica nunca descobri).

Tinha uma banheira e um lavatório para ele, mas preferia lavar-se em bacias e alguidares. E, mesmo com uma sanita à disposição, obrigava a minha mãe a levá-lo à mata mais próxima, para poder, aí sim, fazer as suas necessidades.

O meu avô era assim.

Quando ele morreu, a minha avó ficou sozinha. A família decidiu que o melhor era vir para o pé dos filhos e dos netos. Para Lisboa.

Ela que, tal como ele, vivera toda a vida num monte alentejano.

A adaptação da minha avó à vida na cidade foi surreal. Trocou o ar fresco do campo pela reclusão de um apartamento. Trocou as roupas floridas e coloridas pelo negro do luto. Trocou as conversas e a galhofa com as vizinhas pelo encanto das telenovelas, desde o início da tarde ao final da noite. Deixou de cozinhar. Quem é que, com tantas dores, aguenta estar de pé em frente ao fogão, quando está ali um micro-ondas que faz quase o mesmo?

Quem conhecesse a minha avó duvidaria de que alguma vez ela tivesse sido uma “moça do campo”. Custava a crer.

No outro dia, decidimos que era tempo de fazer uma visita ao Alentejo. Ir à campa do meu avô e regressar ao monte.

Foi uma viagem longa, de quase três horas. A minha avó veio o tempo todo a queixar-se das dores nas pernas, que o assento do carro lhe causava, dos almareios, que as voltas do caminho lhe faziam à cabeça. Se calhar devia ter ficado sossegadinha em casa, no

sofá, a ver a telenovela. Ainda mais hoje, que o Vicente ia dizer à Luz que ainda estava apaixonado por ela!

Custou, mas finalmente chegámos ao monte.

A minha mãe abriu a porta do carro à minha avó, para poder sair.

No momento em que ela pousou o pé na terra, na sua terra, as pernas deixaram de doer, a cabeça já não estava almareada.

Cheirou o alecrim, apanhou todos os figos que ainda havia na velha figueira, enxotou as ovelhas do vizinho, que estavam a defecar à porta de casa, e, por momentos, quase que a vi acender o velho forno de lenha, pronta para amassar e cozer o pão.

Não sei se sonhei ou se a vi mesmo a tentar saltar a cerca, como quando era gaiata.

Naquele momento, a minha avó andou 60 anos no tempo.

Naquele momento, a minha avó voltou a ser uma “moça do campo”, que ceifava durante todo o dia e dançava nos bailes durante toda a noite.

Naquele momento, a minha avó voltou a usar saias floridas e coloridas.

Naquele momento, a chaminé do monte voltou a deitar fumo.

Naquele momento, o meu avô estava vivo.